

Gestão do Montado por resultados – Guião de Avaliação Resumo

Este documento deve ser acompanhado da ficha de avaliação de indicadores

Objetivo: O presente guião indica o procedimento necessário para a avaliação dos indicadores nas explorações candidatas à medida “Gestão do Montado por resultados”.

CrITÉrios de Elegibilidade: No âmbito desta medida, consideram-se elegíveis os beneficiários que cumpram as seguintes condições:

- Candidatem uma superfície mínima elegível de 10 hectares de sub-parcelas de pastagem permanente sob coberto de montado de sobro, azinho, ou carvalho negral, com:

i) Uma densidade mínima de 40 árvores por hectare no montado de sobro, azinho, carvalho-negral ou misto destas espécies, ou

ii) Um grau mínimo de cobertura de 10% de projeção de copa, em montados de sobro, azinho, carvalho-negral ou misto destas espécies;

- Contratualizem o acompanhamento e o apoio técnico com o Gabinete Local de Acompanhamento (GLA) da respetiva área geográfica.

Área Geográfica de Aplicação: A área geográfica de aplicação da intervenção “Gestão do Montado por resultados” corresponde à área geográfica do Sítio Natura 2000 de Monfurado e a área envolvente dos concelhos de Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos (Figura 1); e à área geográfica da ZPE do Vale do Guadiana e a área envolvente do concelho de Mértola e das freguesias limítrofes dos concelhos de Alcoutim, Almodôvar, Beja, Castro Verde e Serpa (Figura 2).

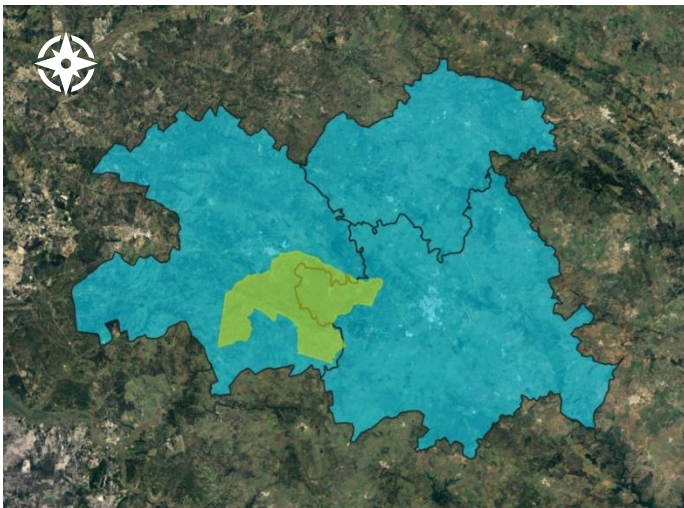


Figura 1 – Área geográfica de aplicação da medida “Gestão do Montado por resultados” no Sítio Natura 2000 de Monfurado (polígono amarelo), concelhos de Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos (polígono azul) e limite dos concelhos anteriormente descritos (linhas pretas).

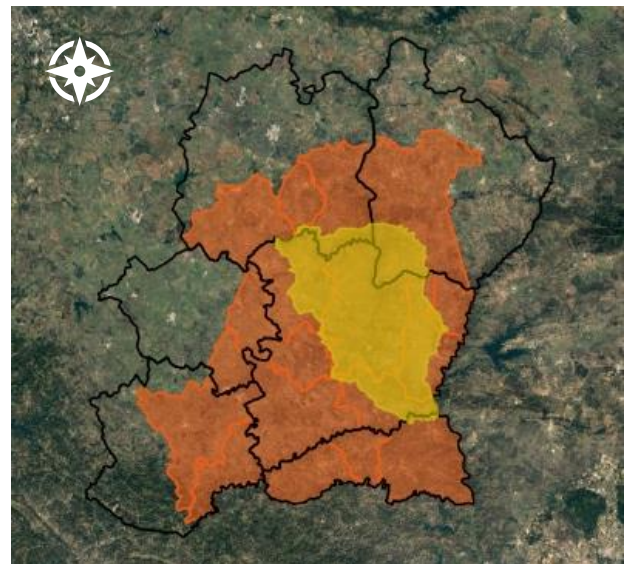


Figura 2 – Área geográfica de aplicação da medida “Gestão do Montado por resultados” na ZPE do Vale do Guadiana (polígono amarelo), concelho de Mértola e freguesias limítrofes dos concelhos de Alcoutim, Almodôvar, Beja, Castro Verde e Serpa (polígono laranja) e limite dos concelhos anteriormente descritos (linhas pretas).

Seleção do Percurso de Avaliação:

O percurso de avaliação deverá percorrer zonas representativas da sub-parcela, onde sejam identificadas todas as componentes em avaliação e seguir uma orientação em ziguezague, passando pelos Elementos Singulares Promotores da Biodiversidade.

- 1) Colocar sobre a sub-parcela uma grelha quadriculada (quadrícula de 5 ha). No centro de cada quadrícula colocar 1 ponto (georreferenciado) de amostragem (PA). As posições das quadrículas podem ser ajustadas em função da forma da sub-parcela.
- 2) Identificar os Elementos Singulares e marcar os pontos de avaliação (georreferenciados) desses elementos singulares (PE).
- 3) Marcar e georreferenciar o local de início e fim do percurso de avaliação, o qual poderá ser coincidente.
- 4) Traçar o percurso de avaliação unindo os pontos de amostragem e de elementos, tendo em conta que deve seguir uma orientação em ziguezague e cobrir toda a sub-parcela.
- 5) Anotar as coordenadas GPS dos pontos de amostragem, pontos dos elementos singulares, e do local de início e fim do percurso de avaliação.
- 6) Obter o mapa da sub-parcela com os pontos e o percurso.
- 7) Para cada quadrícula com respetivo ponto de amostragem indicar a densidade de árvores adultas por unidade de área.
- 8) Introduzir a informação dos pontos de amostragem numa aplicação de telemóvel que facilite a sua identificação no campo.
- 9) Toda a informação sobre a exploração e respetivo percurso de avaliação e pontos de amostragem, deve constar da “Ficha de Exploração”.

Nota: A área afeta a 1 ponto de amostragem pode ser alterada, quer para menor quer para maior área, em função de se encontrar um equilíbrio entre a representatividade e o tempo de avaliação.

Método de Avaliação:

- Percorrer o percurso de avaliação passando pelos pontos de amostragem e de elementos singulares. Observar ao redor, obtendo uma vista geral da qualidade da sub-parcela, tomando as notas que considerem relevantes.

- Nos pontos de amostragem e nos pontos de elementos singulares, parar e proceder à análise minuciosa dos diversos indicadores, tendo por base o **guião de avaliação**, a **ficha de avaliação** e as **listas de espécies** anexas. Classificar o ponto nos diferentes níveis de classificação disponíveis para cada indicador.

- Fotografar de modo panorâmico cada ponto em cada uma das direções Norte, Este, Sul e Oeste. Fotografar também locais representativos da classificação da sub-parcela, quer sejam positivos ou negativos, e de modo detalhado situações específicas, identificando as fotografias com o indicador e ponto respeitante.

- No final da avaliação, em cada indicador, a sub-parcela é classificada no nível que verificar o maior número de observações (moda). Em caso de empate entre 2 níveis, a selecção do nível será efetuada através das notas recolhidas ao longo do percurso tendo em conta a vista geral do estado da sub-parcela.

Indicadores para Avaliação:

A – Solo

A1 – Qual é o grau de cobertura de rumex e margaça?

Análise			
Observar a ocorrência de rumex e margaça no estrato herbáceo. Estas espécies podem ocorrer de forma combinada com outras espécies ou criar manchas. Observar diferenças entre as espécies herbáceas existentes nas zonas interior e exterior à projeção da copa das árvores. Em casos extremos observam-se círculos de vegetação diferente correspondentes à projeção da copa. Estimar o grau de cobertura (%) de rumex e margaça. Indicar a espécie dominante.			
ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
>50% de cobertura	25 a 50% de cobertura	10 a 25% de cobertura	<10% de cobertura

A2 – Qual é a extensão de solo descoberto?

Análise			
Estimar a extensão (%) de solo descoberto, excluindo valas de drenagem, zonas ao redor de pontos de alimentação (suplementação) e abeberamento, aceiros, caminhos regulares de gado e de veículos, e danos resultantes da atividade de animais selvagens. Prestar particular atenção a zonas com declive acentuado e de confluência de águas de escoamento superficial, uma vez que nesses locais o risco de erosão é maior.			
ALTA	MÉDIA	BAIXA	RESIDUAL
>50% de extensão	25 a 50% de extensão	10 a 25% de extensão	<10% de extensão

B – Regeneração

B1 – Qual é a densidade de regeneração no estágio de arbusto?

Análise							
Procurar o campo de visão de 180° onde tiver menor número de pequenas árvores (regeneração - altura entre 0,6 e 1,8m). Contar o número de árvores adultas e o número de pequenas árvores nesse campo de visão e registrar. A orientação utilizada para definir o campo de visão deve ser registrada para que seja sempre a mesma nas avaliações de anos subsequentes (excepto se não observar nenhuma árvore pequena). A densidade de regeneração em percentagem é calculada à posteriori e classificada em quatro níveis. Excluir as zonas de baixa sujeitas a encharcamento. Nota: A informação sobre a densidade de árvores adultas em cada ponto de amostragem é disponibilizada antes da avaliação, de modo a optar por uma das duas classes: < 60 árvores/ha ou > 60 árvores/ha.							
< 60 árv./ha	RESIDUAL <10%		BAIXA 10-50%		MÉDIA 50-100%		ALTA >100%
> 60 árv./ha	RESIDUAL <10%		BAIXA 10-25%		MÉDIA 25-50%		ALTA >50%

B2 – Qual é o estado de conservação da regeneração?

Análise	
Observar a regeneração que se encontra nos estádios de desenvolvimento de arbusto e árvore jovem (0,6 a 1,8m altura). Estimar o déficit de copa (%) face à copa que deveria existir, traduzido por desfoliação e/ou quebra de raminhos, em média, nas pequenas árvores observadas. Considerar toda a regeneração, tanto a protegida como a não protegida.	
MAU	EXCELENTE
>50% déficit de copa	<50% déficit de copa

C – Pastagem

C1 – Qual é o nível de equilíbrio herbáceo da pastagem?

Análise			
<p>Observar o estrato herbáceo, incluindo zonas interior e exterior à projeção da copa das árvores. Agregar as espécies herbáceas nos seguintes grupos: gramíneas, leguminosas e “outras”. Verificar a presença dos 3 grupos e estimar se existe ou não dominância por um destes grupos (presença >75% de cobertura). Ter em conta que para um adequado equilíbrio não deverá existir dominância evidente de nenhum dos 3 grupos.</p> <p>Nota: Ausência ou presença residual: <5% de cobertura; dominância: >75% de cobertura; diversidade: ≥3 espécies.</p>			
RESIDUAL	BAIXO	MÉDIO	ALTO
<p>Ausência ou presença residual de leguminosas.</p> <p>Maior cobertura de gramíneas do que “outras”, independentemente da diversidade de espécies.</p>	<p>Ausência ou presença residual de leguminosas.</p> <p>Maior ou igual cobertura de “outras” do que gramíneas.</p> <p>Sem diversidade nos grupos de gramíneas e “outras”.</p>	<p>Ausência ou presença residual de leguminosas.</p> <p>Maior ou igual cobertura de “outras” do que gramíneas.</p> <p>Com diversidade nos grupos de gramíneas e “outras”.</p>	<p>Presença equilibrada dos 3 grupos (presença de leguminosas >5% de cobertura) e com diversidade em cada grupo.</p> <p>Nota: Se o grupo das leguminosas não tiver diversidade, a classificação passa a MÉDIO.</p>

C2 – Qual é o grau de cobertura de cardos?

Análise			
<p>Estimar o grau de cobertura (%) de cardos. Estas espécies podem ocorrer de forma combinada com outras espécies ou criar manchas. Excluir zonas de descanso habitual dos animais.</p>			
ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
>50% de cobertura	25 a 50% de cobertura	10 a 25% de cobertura	<10% de cobertura

C3 – Qual é o grau de cobertura de matos?

Análise			
<p>Estimar o grau de cobertura (%) de matos (ex.: estevas, sargaços, giestas, tojos). Pretende-se que as herbáceas sejam dominantes no sub-coberto. Elevada cobertura de estevas e sargaços (cistáceas) é penalizada.</p>			
ALTO	MÉDIO	BAIXO	RESIDUAL
>50% de cobertura, com dominância (>75%) de cistáceas.	25 a 50% de cobertura, maioritariamente matos altos.	10 a 25% de cobertura, maioritariamente matos baixos.	<10% de cobertura.

D – Elementos Singulares / Habitats Remanescentes

Os elementos singulares que podem ser considerados para a classificação de uma sub-parcela são aqueles que estão dentro da sub-parcela e aqueles existentes, parcial ou totalmente, numa faixa de 200 m de largura, circundante da sub-parcela. Todos os elementos singulares têm de pertencer ao beneficiário candidato. De todos os elementos singulares existentes, o beneficiário elege aqueles que quer considerar para efeitos de avaliação dos indicadores D1, D2 e D3 e são apenas estes que serão alvo de avaliação.

D1 – Qual é o nível de diversidade de elementos singulares?

Análise			
Verificar a existência dos elementos singulares terrestres: bosque (área $\geq 75 \text{ m}^2$), mancha de arbustos (área $\geq 50 \text{ m}^2$) e afloramento rochoso (área $\geq 5 \text{ m}^2$; estrutura única ou várias rochas dispersas); e aquáticos: charco temporário (área $\geq 5 \text{ m}^2$), charca permanente (sem área mínima) e galeria ripícola (extensão $\geq 100 \text{ m}$), considerando a descrição de cada elemento. Avaliar a diversidade de elementos, tendo em conta que é valorizada a existência de, pelo menos, 1 elemento singular de cada grupo considerado (terrestre e aquático). Este indicador é avaliado a partir da informação constante na ficha da exploração, em gabinete, e carece de confirmação no campo.			
NULO	BAIXO	MÉDIO	ALTO
Ausência de elementos.	Existência de 1 elemento de qualquer grupo.	Existência de, pelo menos, 2 elementos do mesmo grupo.	Existência de, pelo menos, 2 elementos de grupos diferentes (1 terrestre e 1 aquático).

D2 – Qual é a representatividade dos elementos singulares?

Análise			
Medir a área ocupada por cada elemento singular. Somar as áreas de todos os elementos considerados na sub-parcela. Avaliar a representatividade (%) da área ocupada por elementos singulares face à área total da sub-parcela. Este indicador é avaliado a partir da informação constante na ficha da exploração, em gabinete, e carece de confirmação no campo.			
RESIDUAL	BAIXA	MÉDIA	ALTA
$\leq 0,30\%$ da área total	0,30 a 0,65% da área total	0,65 a 1,00% da área total	$>1,00\%$ da área total

D3 – Qual é o estado de conservação dos elementos singulares?

Análise
Avaliar o estado de conservação dos elementos singulares, através dos indicadores específicos de cada elemento (D3.1 a D3.6). Nota: A presença de espécies exóticas invasoras, em lista anexa, independentemente da quantidade, diminui automaticamente a classificação do estado de conservação de cada elemento singular em um nível. Esta diminuição de um nível na classificação é válida para todos os elementos singulares.

BOSQUETES MEDITERRÂNICOS			
D3.1.1 Estrutura vertical do bosquete			
Análise			
Avaliar a estrutura do bosquete em toda a sua área (ou em parte, se muito grande), através da presença/ausência dos diversos estratos e da quantidade de luz solar que chega ao solo.			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Presença de apenas 2 estratos (lianas ausentes), e >75% de luz solar chega ao solo.	Presença de 3 estratos (lianas ausentes), e 50 a 75% da luz solar chega ao solo.	Presença de 3 ou + estratos, com lianas pouco visíveis, e 25 a 50% da luz solar chega ao solo.	Presença de 4 estratos, com lianas muito visíveis, e <25% de luz solar chega ao solo.
D3.1.2 Presença de manta morta no solo dentro da área do bosquete			
Análise			
Avaliar a presença de manta morta (quantidade de matéria orgânica no solo) dentro do bosquete. Para tal, avaliar, em cinco pontos dispersos, a cobertura com folhada e a profundidade de solo escuro.			
MAU		EXCELENTE	
Menos de 50% de solo coberto por folhada e solo escuro com menos de 2 cm de profundidade.		Mais de 50% de solo coberto por folhada e solo escuro com mais de 2 cm de profundidade.	

MANCHAS DE ARBUSTOS			
D3.2 Composição da mancha de arbustos			
Análise			
Avaliar a diversidade e cobertura de tipos de arbustos diferentes, consultando a lista anexa. Nota: Só se considera verdadeiramente uma mancha de arbustos quando a sua cobertura é superior a 25%.			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Dominância (>50% de cobertura) de esteva e/ou sargaço, OU Mancha ocupada apenas por um tipo de arbusto.	Pouca diversidade de arbustos: 2 ou 3 tipos, e 25 a 50% de cobertura de arbustos na mancha.	Com diversidade de arbustos: mais de 4 tipos, e 50 a 75% de cobertura de arbustos na mancha.	Com diversidade de arbustos: mais de 4 tipos, e >75% de cobertura de arbustos na mancha.

AFLORAMENTOS ROCHOSOS			
D3.3 Vegetação e características físicas do meio rochoso			
Análise			
Detetar a presença de vegetação característica das rochas (plantas suculentas, fetos, musgos e líquenes) e cavidades/fendas para abrigo de fauna (répteis e/ou anfíbios). Nota: São consideradas outras estruturas rochosas artificiais como, por exemplo, aglomerados de pedras/morouços, ruínas e muros.			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Rocha nua (sem qualquer tipo de vegetação) e sem fendas/cavidades.	Rocha nua com fendas/cavidades OU Rocha colonizada até 2 tipos de vegetação característica, mas sem fendas/cavidades.	Rocha colonizada até 2 tipos de vegetação característica e com fendas/cavidades.	Rocha colonizada por 3 ou mais tipos de vegetação característica e com fendas/cavidades.

CHARCOS TEMPORÁRIOS			
D3.4 Estado de conservação do charco temporário			
Análise			
Detetar a presença de uma bacia de depressão suave no solo e avaliar o grau de cobertura das plantas características na área total do charco, e a presença de sinais de degradação, nomeadamente excrementos ou pegadas de animais. Nota: Considera-se a área total do charco a área encharcada juntamente com a área envolvente de solo húmido que contém vegetação diferente da matriz. Consultar a lista de vegetação característica anexa.			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Sem vegetação característica.	Com vegetação característica em menos de 50% do charco, e com sinais de degradação, em mais de 50% da área.	Com mínimo de 2 tipos de vegetação característica em 50 a 75% do charco, e com sinais de degradação em 25 a 50% da área.	Com mínimo de 3 tipos de vegetação característica em mais de 75% do charco, e com sinais de degradação, em menos de 25% da área.

CHARCAS PERMANENTES			
D3.5 Estrutura da charca permanente e da vegetação envolvente			
Análise			
Observar a ocorrência de vegetação característica (dentro de água e na margem) e o declive das margens (acentuado vs. suave). Consultar a lista de vegetação característica anexa. Nota: as charcas com margens de declive acentuado são verdadeiras armadilhas para fauna e reduzem muito o espaço para o estabelecimento de vegetação típica.			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Sem qualquer tipo de vegetação dentro de água e na margem da charca, OU Presença de vegetação e <25% da margem com declive suave.	Presença de qualquer tipo de vegetação, e 25 a 50% da margem com declive suave.	Presença de vegetação característica em 50 a 75% da superfície da charca, e >50% da margem com declive suave.	Presença de vegetação característica em >75% da superfície da charca, e >50% da margem com declive suave.

Nota sobre as Galerias Ripícolas: para os indicadores D3.6.a e D3.6.b, o avaliador deverá identificar o tipo de linha de água em questão: linha de água temporária ou permanente.

GALERIAS RIPÍCOLAS TEMPORÁRIAS			
D3.6.a Estrutura vertical e horizontal da galeria ripícola em cursos de água temporários			
Análise			
Avaliar o grau de cobertura com vegetação característica em troços de 100m lineares. Estas linhas de água temporárias podem ter, em parte do seu troço, uma galeria ripícola descontínua. Consultar a lista de vegetação característica anexa. Nota: No caso das duas margens da galeria ripícola não pertencerem ao mesmo beneficiário, avalia-se apenas a margem que pertence ao beneficiário candidato, duplicando a extensão avaliada (2 troços de 100m).			
MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Apenas 1 tipo de vegetação característica, com <5% de cobertura total.	Até 2 tipos de vegetação característica, com 5 a 25% de cobertura total.	Com 2 ou mais tipos de vegetação característica, com 25 a 50% de cobertura total.	Com 2 ou mais tipos de vegetação característica, com >50% de cobertura total.

GALERIAS RIPÍCOLAS PERMANENTES

D3.6.b Estrutura vertical e horizontal da galeria ripícola em cursos de água permanentes

Análise

Avaliar o grau de cobertura com vegetação em troços de 100m lineares (largura das margens e estratos verticais de vegetação). Admitem-se zonas de passagem estreitas mesmo no estado excelente. Consultar a lista de vegetação característica anexa.

Nota: No caso das duas margens da galeria ripícola não pertencerem ao mesmo beneficiário, avalia-se apenas a margem que pertence ao beneficiário candidato, duplicando a extensão avaliada (2 troços de 100m). Considera-se cobertura no sentido horizontal e estratos no sentido vertical. É contabilizada como margem da galeria ripícola desde a água até ao limite da vegetação ripícola.

MAU	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
<p>Sem vegetação característica, OU Presença de vegetação característica, que ocupa <25% de cobertura contínua, sem estrato de lianas.</p> <p>Nota: A dominância (>75%) do silvado na galeria, independentemente da sua largura, é classificada como MAU.</p>	<p>Presença de vegetação característica, que ocupa 25 a 50% de cobertura contínua, com estrato de lianas pouco desenvolvido.</p>	<p>Presença de vegetação característica, que ocupa 50 a 75% de cobertura contínua, com estrato de lianas bem desenvolvido.</p>	<p>Presença de vegetação característica, que ocupa >75% de cobertura contínua, com estrato de lianas bem desenvolvido.</p>